

**CORPO NEGRO E BALÉ CLÁSSICO – CONTRASTES E SIMILARIDADES ENTRE
BRASIL E ESTADO UNIDOS**

Gleidison Oliveira da Anunciação

PARA CITAR ESTE DOCUMENTO:

ANUNCIACAO, Gleidison. **Corpo negro e balé clássico: contrastes e similaridades entre Brasil e Estados Unidos**. In: MOURA, Gilsamara. Emílio, Douglas (Orgs). **Ágora: Modos de Ser em Dança – Volume 2**. São Paulo: Editora jogo de Palavras, 2019.

SOBRE O AUTOR:

Conhecido como Guego Anunciação, o autor é bailarino, professor, pesquisador, coreógrafo, diretor da Reforma Cia de Dança e tem formação em balé clássico pelo método inglês de ensino da Royal Academy Of Dance. É bacharel em artes, licenciado em dança, especialista e mestrando em dança pela Universidade Federal da Bahia.

CORPO NEGRO E BALÉ CLÁSSICO – CONTRASTES E SIMILARIDADES ENTRE BRASIL E ESTADO UNIDOS

Gleidison Oliveira da Anunciação

1.1 Pequeno panorama da história do balé clássico

Criado a partir das danças de corte e com algumas interferências ao longo dos tempos de danças populares, o balé clássico possui um dicionário de movimentos próprios. No século XV, durante as festividades do casamento do duque de Milão com Isabel de Aragão, foi apresentado pela primeira vez um balé com as características que o conhecemos hoje, segundo Sampaio (2013).

A moda da época eram roupas pesadas, como os vestidos de ancas, sapatos altos e perucas. Com esse traje e com os passos complicados, os acidentes eram freqüentes na entrada e saída dos bailarinos na cena. Em 1530, o italiano Cesare Negri escreveu “Nuova inventioni di balli” onde aconselhava que, para que a dança fosse realizada com mais elegância deveria, sempre que possível, manter os joelhos esticados e os pés virados para fora.

No século XIX, o Romantismo transformou todas as artes, inclusive o balé, inaugurando assim um novo estilo, no qual aparecem figuras exóticas e etéreas se contrapondo aos heróis e heroínas, personagens reais apresentados nos balés anteriores.

O primeiro balé como espetáculo ocorreu em Paris, no ano de 1581, sendo que em 1661, foi fundada a Academia Real de Balé e Academia Real de Música, pelo rei Luís XIV. Em 1820 Carlo Blasis lança o seu “Traité elementaire theorique et pratique de l’art de danse”, onde expõe os preceitos de um método de ensino caracterizados pela: harmonia e coordenação dos braços, o paralelismo dos exercícios e seus aspectos perpendicular e vertical, o equilíbrio, arabesques e poses onde o rosto deve, contudo manter a vivacidade e a expressividade, do *plié* as piruetas, do adágio ao alegro. Em 1828, ele introduziu a barra como elemento auxiliar nos exercícios preliminares da aula.

O primeiro grande balé romântico foi “La Sylphide”, que iniciou o trabalho nas sapatilhas de ponta. Ainda neste século, o francês Marius Petipa marca a relevância do balé na Rússia, trabalhando com Tchaikovsky que criou três dos mais importantes balés do mundo: “A Bela Adormecida”, o “Quebra-Nozes” e “O Lago dos Cisnes”. Logo após, o russo Diaghilev, editor de uma revista de artes, promoveu em Paris, os músicos russos, a Ópera russa e o balé russo, inaugurando uma nova ordem no âmbito da dança como arte, que passou a apresentar estilos renovados como nas demais expressões artísticas, que se transformaram a partir do romantismo. Dessa forma, o balé clássico se espalhou pelos cinco continentes, tornando-se uma das técnicas de dança mais conhecidas no mundo todo.

No Brasil, quando a companhia de Diaghilev (1913 e 1917) e Ana Pavlova junto com seu corpo de baile (1918 e 1919) chegou para se apresentar no Teatro Municipal, o balé clássico teve seus primeiros impulsos com grande significado. Maria Olenewa, solista de Ana Paula Pavlova

permaneceu no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, a fim de introduzir o ensino do balé clássico de forma avançada. Contudo, isso só ocorreu em 1927, _quando foi criada uma escola de bailado sob direção da mesma, no Teatro Municipal. No mesmo ano, no Estado do Paraná, Tadeuz Morozowicz criava a primeira escola de balé do sul do Brasil.

Em 1930, a Escola de bailados foi oficializada e surgiu o corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 1937, o maitre de balé Vaslav Veltchek veio para o Brasil contratado para consolidar a obra de Olenewa. Ainda em 1930, devido à eclosão da segunda guerra mundial, muitos artistas europeus vieram para o Brasil, especialmente para o Rio de Janeiro, que se destacava como maior centro cultural da época. Diversos desses artistas bailarinos fundaram algumas escolas de danças, dentre as quais se destacaram as de: Ana Baliska, russa; de Emma Vargas, húngara; e de Pierre Michailowsky e Anna Grabinsky, russos, todas essas escolas situadas no Rio de Janeiro.

A Escola de dança do Teatro Municipal formou diversos bailarinos, dentre eles: Berta Rosanova, Leda Yuqui, Madeleine Rosay e Carlos Leite. Mais tarde, outros nomes surgiram como Dalal Achcar e Márcia Haydée.

Nos Estados Unidos, o balé clássico começou a se consolidar a partir de 1933, quando George Balanchine se mudou para os EUA com objetivo de criar uma companhia de balé clássico e fundar a primeira escola americana de balé. Balanchine criou um tipo de método que reúne elementos do estilo francês, russo e italiano. Sua chegada nos EUA se dá a partir do convite do presidente Lincoln Kirstein que desejava implantar o balé clássico na América do Norte. Em 1934 fundaram a School of American Ballet, e 14 anos depois criam a companhia de balé dos EUA, o New York City Ballet.

Balanchine é o grande nome do balé clássico nos Estados Unidos, foi um grande professor e coreógrafo que formou diversos outros artistas, tais como: William Dollar, Agnes de Mille, Alvin Ailey, John Neumeier, Robert Joffrey, Harold Lang, Arthur Mitchell, William Forsythe.

1.2 Balé Clássico e Racismo: uma questão histórica

A história do balé clássico é formada por nomes de grandes bailarinos que se tornaram ícones da dança clássica e espelhos para todo jovem bailarino e bailarina que sonham em galgar caminhos profissionais construindo uma carreira sólida em companhias de dança. Porém, a problemática que trarei a partir das próximas linhas vem com as seguintes perguntas: Existem bailarinos negros que também são grandes ícones da dança clássica? Sendo o balé uma dança criada para um perfil branco, negros conseguem ter acesso a essa técnica? Negros conseguem se inserir nas companhias de dança com estética clássica?

Nos Estados Unidos, o ato de emancipação que abolia a escravidão em todo o território, que

estava ainda em uma guerra civil, foi assinado pelo presidente Abraham Lincoln em 1863, porém, só é 1865 que foi promulgada a XIII emenda á constituição dos Estados Unidos, dando fim á escravidão. No sul segregado do país, negros nasciam em hospitais separados, eram enterrados em locais diferentes dos brancos, não podiam estudar nas mesmas escolas que brancos, comer em mesmos restaurantes, usar o mesmo banheiro publico, muito menos viajar nos assentos dos ônibus que os brancos utilizassem. A lei que proibia a discriminação racial no espaço publico dos Estados Unidos foi assinada em 2 de julho de 1964, por conta de grandes mobilizações e protestos feito pelo movimento negro.

A abolição da escravatura no Brasil, em 1888, foi resultado de um longo processo, bastante lento e concluído por conta de muitas questões. Destaca-se a luta abolicionista feita pelos próprios escravos, à mobilização de grupos que davam apoio aos escravos, a forte pressão internacional para que o país abolisse esta forma de trabalho pelo fato que a escravidão já estava sendo vista como um atraso para padrões de civilidade na segunda metade do século XIX, e porque a escravidão era um grande empecilho para o desenvolvimento do sistema capitalista no país.

Durante longos anos, discriminar as pessoas por conta da cor da pele era totalmente aceito socialmente, e para a justiça brasileira, só em 1951, o racismo era tido como uma infração penal de crime menor. Na verdade, foi nesse período que começaram a surgir os primeiros conceitos de racismo. Criada por Afonso Arinos, a lei 1.309 transformava em contravenção penal qualquer prática de preconceito de cor e raça.

A inspiração para a criação da lei foi tida a partir da discriminação sofrida por Katherine Dunham, em 1950. **Katherine, bailarina negra americana estava numa excursão no Brasil, e foi impedida de hospedar-se no hotel Serrador, no Rio de Janeiro.** A repercussão deste caso foi bastante negativa no exterior; Segundo Ramos (2017) , esse fato gerou grande polêmica na mídia nacional, tendo sido o assunto muito debatido no meio intelectual negro, politico e militante. Quando Afonso Arinos morre, em 1990, não havia nenhum tipo de registro por base desta lei. Só em 1989 que foi criada a lei 7.716 que define o racismo como crime inafiançável e sujeito a pena de reclusão.

Após a lei *caó*, assinada em 1989, o Brasil passou a ter algumas mudanças na legislação, dentre elas a criação do estatuto da igualdade racial, sancionada pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que tinha objetivo de combater a discriminação racial e garantir igualdade de oportunidades aos negros. Em 2012, sancionada pela ex-presidente Dilma Rousseff, houve outra mudança na legislação com a criação das cotas raciais. A lei reserva uma quantidade de vagas em universidades federais para negros e indígenas.

O mito da democracia racial no Brasil, mesmo tendo sido destruído política e cientificamente, tem um jeito muito forte de continuar existindo. Para muitos, o Brasil não é um país racista e preconceituoso, pois as violências aos negros, índios e/ou pessoas não brancas, são exclusivamente por uma questão socioeconômica, que não tem a ver com a questão de cor de pele.

Em 03 de julho de 2019, o *Quebrando o Tabu*, página da web (facebook, instagram e youtube) que discute variados temas, publicou em suas redes um vídeo com o titulo “Mude minha idéia”, onde a Mc carol, uma cantora de funk do Rio de Janeiro, foi para rua com uma faixa, uma mesinha e duas cadeiras. Na faixa estava escrito:” O Brasil é um país racista!”. Algumas pessoas discordaram e foram falar com ela; Pessoas brancas, por sinal. Nas suas falas, essas pessoas também reproduzem o que citei anteriormente, afirmando que não consideram o Brasil um país racista, pois é um país diverso, habitado por pessoas diferentes que se respeitavam, sendo por isso, o problema do Brasil é social e econômico.

Em 1995, a Data Folha fez uma pesquisa que resultou no livro *Racismo Cordial*, de Cleusa Terra e Gustavo Venturi, onde se percebe como o racismo é tão cordial no Brasil. Na pesquisa, 89% dos brasileiros concordaram que existe racismo no país, sendo que apenas 10% desses, concordaram que conhecem pessoas que discriminam, ou que os mesmos já teriam sido discriminados.

Munanga (1977) chama de inércia *do mito da democracia racial* essa voz forte e poderosa que vai ecoando dentro de muitos brasileiros, gritando que “não somos racistas, racistas são os outros”. Isso acontece porque no Brasil não houve um regime de segregação institucionalizada, existe uma segregação que atravessa o sistema de raça com o de classe social, contrário á segregação institucionalizada que aconteceu na África do Sul e nos Estados Unidos, por exemplo, onde todos os ambientes eram separados entre brancos e negros.

No Brasil se criou o mito da democracia racial, se defendia que o país não era racista pelo fato dele ser mestiço; Porém, qual é a história que nos contam? As coisas foram ficando tão naturalizadas que ninguém foi sentindo a ausência do negro na sociedade brasileira. Onde estão os negros? Onde estão os negros na arte? Onde estão os negros no balé clássico? Contam-nos uma história a partir de um mundo branco europeu, e nos tiram dela, nos afastam nos diminuem e querem sempre manter o controle dos corpos negros, definindo onde se pode pisar e onde não pode.

Rufino (2002), diz que devido á pressão sofrida pelos negros por conta da sua cor de pele, os negros foram levados á alienação e a negação da sua identidade racial, pois a desigualdade vai sendo montada em cima de privilégios para alguns e exclusão para outros. Os indicadores são lamentáveis, pois a pobreza tem cor, a violência dos policiais tem cor, os presídios têm cor, e o balé? Tem cor?

Para entender melhor sobre a inserção de corpos negros no balé clássico, é importante tratar sobre algumas questões da técnica/estética da dança clássica e problematizar o porquê ainda em 2019 é tão poucos negros que conseguem se inserirem em companhias de dançam que apresentam estéticas clássicas, e o motivo pelo qual, figuras negras que conseguiram adentrar em alguns espaços são totalmente invisibilizadas lá dentro.

O racismo no balé clássico pode ser tido de diversas formas, um grupo de bailarinas que possuem o mesmo grau técnico, porém, as escolhidas por conta do perfil, são brancas; Ou a idéia de que negras não ocupam lugares de solistas por conta do imaginário que o repertório pede. Princesas e príncipes são brancos, tendo a imagem o mais próximo possível do estereótipo europeu, que se difere de inúmeras mulheres negras que sonham em um dia atuarem profissionalmente em companhias de balé clássico.

Sabe-se que o balé clássico possui uma política de corpo que prioriza determinado perfil corporal em relação a outros corpos, e existem diversos estudos que alimentam esta discussão sobre o corpo ideal no balé clássico, contudo, este texto buscar focar em algo que se encontra na estrutura

da sociedade e que se alimenta muito forte no balé clássico por conta de sua história, que é o racismo. O balé é uma dança originária de cortes européias e codificada a partir de corpos brancos, que significa o máximo da nobreza e da burguesia enquanto classe que domina. Essa mesma classe foi a que seqüestrou milhares de africanos e os levou para diversas partes do mundo, explorando-os, tirando sua identidade e fazendo-os sentirem-se inferiores.

Meu argumento é que essa realidade é tão verdadeira hoje quanto era no período colonial. O pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que separam o mundo humano do mundo subumano, de tal modo que princípios de humanidade não são postos em causa por práticas desumanas. As colônias representam um modelo de exclusão radical que permanece no pensamento e nas práticas modernas ocidentais tal como no ciclo colonial. Hoje, como então, a criação e a negação do outro lado da linha fazem parte de princípios e práticas hegemônicos. (SANTOS, 2007, pg – 80).

Segundo o dicionário Aurélio (HOLANDA,1975), o termo abissal é algo de origem ígnea, profundo, que aterroriza, e que se encontra apenas nas grandes profundezas do mar. Este termo, geralmente, é mais usado na biologia aquática, e evidencia a zona abissal do oceano.

A zona abissal do oceano é uma região profunda do oceano que varia entre 2.000 e 6.000 metros. Lugar frio, e muito escuro. Essa região representa 3% dos oceanos do planeta, não havendo uma grande variedade de vida, pois, não há condições favoráveis a proliferação de seus seres vivos em razão da falta de alimentos e também em decorrência da baixa temperatura.

Assim, no âmbito do conhecimento hegemônico, que é um tipo de conhecimento que se sobrepõe a outro, o modelo de supremacia da ciência moderna vem do modelo de racionalidade que se findou a partir da revolução científica do século XVI. Refere-se a um tipo de modelo baseado em leis gerais e o seu campo de atuação é destinado às ciências naturais, que durante séculos, eliminou identidades e culturas a partir do colonialismo.

Santos (2007) afirma que a partir desse tipo de conhecimento hegemônico se firma uma linha abissal entre o verdadeiro e o falso, ou seja, tudo que faz parte desse modelo de conhecimento é correto, e o que não faz parte, não é incorreto. Os conhecimentos populares, plebeus, indígenas, entre outros, desaparecem, e a ciência moderna continua como detentora do poder. Essa linha é tão abissal que torna invisível tudo que acontece do lado de lá da linha. Este lado colonizado não tem realidade ou, se a tem, é em função dos interesses do Norte operacionalizados na apropriação e na violência. O que caracteriza este pensamento abissal é a impossibilidade de copresença entre os dois

lados referidos.

O balé clássico está fundado num pensamento abissal, tornando invisível tudo e todos que não estão encaixados nas duas diretrizes. Os corpos negros, por exemplo, são memórias gravadas de gerações que vivem a marginalização sócio-política a qual foram sujeitados. Tratados como animais, os corpos negros nunca foram corpos considerados aptos para a técnica clássica, pois enquanto o balé clássico era tido como a dança de etiqueta para damas e cavalheiros, os negros eram colocados como selvagens e incapazes.

Os corpos negros conseguiram adentrar em diversas estéticas de dança, criando técnicas e rompendo o sistema, porém, até os dias de hoje, um negro tentar se inserir num espaço de balé clássico é saber que passará por inúmeras invisibilidades. Por exemplo, para quem pratica balé, as sapatilhas e meias calças são de extrema importância, não só por uma questão estética, mas também para ajudar a aquecer as pernas com objetivo de prevenir lesões.

Durante muitos, as sapatilhas de meia ponta e ponta eram apenas privilegiando bailarinas de pele clara, pois as cores eram rosas, brancas e beges, sendo que as beges são num tom também mais claro. As sapatilhas de ponta, essencial para qualquer bailarina que deseja estudar balé tendo uma formação sólida, sempre foram em tons rosados. Porém, depois de longos debates sobre falta de material de dança que pensassem em bailarinas negras, principalmente nos EUA, em janeiro de 2017 a empresa *Gaynor Minden* lançou dois novos tons de sapatilha: Espresso e Capuccino.

As sapatilhas em tom dourado e marrom chegaram ao mercado da dança para se aliar aos três tons de rosa que já são vendidos no mercado durante anos. Sapatilhas de ponta foram criadas em 1820 e originalmente eram todas brancas, com um tempo passaram a ser vendidas na cor rosa.

Em novembro de 2018, a marca inglesa *Freed of London* lançou duas novas cores de sapatilhas, que foram marrom e bronze. As sapatilhas foram feitas em parceria com o Ballet Black, que é uma companhia inglesa criada com propósito de agregar bailarinos negros e asiáticos no espaço da dança. Quem estrelou a campanha de lançamento foi a bailarina Cira Robison, uma bailarina sênior da companhia, que assim como outras bailarinas negras, precisava pintar as sapatilhas com maquiagem ou tinta spray para que as peças ficassem mais próximas do tom da pele.

Muitos bailarinos e bailarinas negras vivem ainda o drama de só encontrar artigos de balé clássico com cores e tons que não chegam perto da sua cor da pele. É o bloqueio que o norte operacionador faz, fazendo com que o sul ainda viva tendo que se sujeitar ao seu sistema dominante.

Em 2013, Precious Adams, uma bailarina negra Americana, denunciou a Escola Rússia do Bolshoi alegando ter sido alvo de racismo e discriminação. Segundo Precious, numa entrevista ao

The Moscow Times (2013), os casos aconteceram várias vezes. Comentários racistas e exclusões de coreografias faziam parte da rotina da bailarina, que ouviu de um professor que ela deveria fazer um tratamento de clareamento de pele. Em 2014 participou do Prix de Lausanne e ficou em segundo lugar na competição internacional, adquirindo uma bolsa de estudos e hoje, fazendo parte do corpo de baile do English National Ballet.

Em 2015, Mister Copeland, que é uma bailarina clássica dos Estados Unidos, tornou-se a primeira mulher afro-americana a ser promovida como solista na história de 75 anos do American Ballet Theatre, que se destaca com uma das principais empresas de balé clássico dos EUA. Copeland, além de bailarina, escreveu dois livros autobiográficos e narrou um documentário sobre seus desafios da carreira. O filme *A Ballerina's Tale* segue a vida diária de Copeland, e se concentra no seu impacto cultural e sua ascensão profissional.

Michaela DePrince, bailarina negra que nasceu na Serra Leoa, perdeu os pais durante uma guerra da região e foi levada para um orfanato. Michaela foi adotada por um casal americano, quando ainda era criança, e a partir dos 5 anos começou a frequentar aulas de balé clássico e se tornou uma bailarina do Dutch National Ballet. Mesmo tendo vitiligo, Michaela obteve uma sólida formação em balé clássico e hoje atua como solista na referida companhia, além de ter sido co-autora de um livro sobre sua biografia.

No Brasil, temos a brilhante história de Ingrid Silva, bailarina do Rio de Janeiro que começou os estudos de dança aos oito anos de idade, num projeto social no Morro da Mangueira, e por meio deste projeto, ganhou uma bolsa para a Escola de Dança Maria Olenewa, onde durante muitos anos teve uma formação sólida em balé clássico. Hoje, Ingrid dança no Dance Theatre of Harlem, que é uma companhia de balé dos Estados Unidos.

Em entrevista a revista *glamour* (2017), Ingrid afirma que hoje em dia ela se sente muito feliz em ser bailarina profissional, e que é muito bom estar numa sala de balé, olhar para o lado, e ver que existem pessoas parecidas com ela. Ingrid, numa entrevista ao programa “Encontro com Fátima” (2017) da Rede Globo, diz também que sempre teve grandes musas do balé que a inspiravam, mas, nunca idealizou a ideia de ser bailarina profissional pelo fato de nunca ter conhecido/visto nenhuma bailarina negra atuando no balé clássico no Brasil.

Outra brasileira que tem construído carreira de bailarina profissional é a Isabela Coracy. Após ter trabalhado na São Paulo Companhia de Dança e Companhia de Dança Deborah Colker, ela é bailarina do Black Ballet desde 2013. Isabela nasceu e cresceu no Rio de Janeiro, tendo participado de diversos festivais e competições e obtendo sua formação profissional no Centro de dança do Rio. Desde 2015 foi promovida como bailarina sênior da companhia Black Ballet.

Nielson Souza, soteropolitano e bailarino da São Paulo Cia de Dança, assume um papel de representatividade importantíssimo na vida de meninos negros que sonham ingressar em companhias que trabalhem com a estética e repertório do balé clássico. Nielson foi o primeiro bailarino negro a interpretar o papel de Romeu, na famosa obra *Romeu e Julieta* de William Shakespeare, coreografado pela São Paulo Cia de Dança em 2014, com apresentações em diversas cidades do Brasil. Nielson é bailarino da companhia desde 2010.

Além de Nielson, dois outros bailarinos negros também atuam na São Paulo Cia de Dança. O Otávio Portela e o Hiago Castro. Também soteropolitano, Otávio iniciou seus estudos em dança aos 19 anos, e em 2012 integrou a Cisne Negro Companhia de Dança, em 2014 fez parte da Companhia de Dança do Palácio das Artes e em 2013 da BrazzDance Theater, em Miami (EUA). É bailarino da São Paulo Cia de Dança desde 2016. Hiago Castro é natural de São Luís, iniciou seus estudos em dança aos 14 anos no Ballet Olinda Saul, e em 2015 se formou em balé clássico e contemporâneo na Escola de Dança Petite Danse no Rio de Janeiro, e faz parte da São Paulo Cia de Dança desde 2016.

Esses são alguns nomes de bailarinos negros e bailarinas negras da atualidade que estão inseridos em companhias de dança, oriundos do Brasil e EUA. É importante entender que a luta pela igualdade nestes espaços não é de agora. Existem bailarinos pioneiros que abriram portas para esses jovens talentos. Nos Estados Unidos tem Janet Collins, que em 1951 foi a primeira bailarina negra a dançar no The Metropolitan Opera, em Nova York. Raven Wilkinson foi uma das primeiras bailarinas negras dos Estados Unidos a integrar uma companhia, o Ballet Russe de Montecarlo, porém, Ravena acabou abandonando a carreira por conta dos grandes ataques racistas que ela sofria; e Lauren Anderson, que foi a primeira bailarina negra a alcançar o topo de primeira bailarina da companhia Houston Ballet em 1983, quando ela ingressou na companhia, e em 1990 ganhou o título de solista.

Nos Estados Unidos é importante citar a brilhante atuação e participação de Arthur Mitchell, primeiro bailarino negro do New York City Ballet, que dançou inúmeros repertórios e foi criador e diretor da Dance Theater of Harlem. A Dance Theater of Harlem é uma escola e uma companhia de dança que fica localizada no bairro do Harlem, em Nova York, criada em 1969, e que nasce com foco em igualdade racial, priorizando bailarinos negros e asiáticos. A ideia de criar esta organização surge a partir do triste assassinato de Martin Luther King, grande líder dos movimentos civis dos negros dos Estados Unidos.

No Brasil, a primeira mulher negra a ingressar uma companhia de dança foi a Mercedes Baptista, que integrou o corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1948. Mesmo fazendo parte da companhia, Mercedes não dançava nenhum balé internacional. Ao mesmo tempo

em que ela estava dentro, estava fora. Isso por conta da cor da pele. A única negra no meio de tantas outras bailarinas brancas.

Considerações finais

Tanto em companhias oficiais que trabalham a estética clássica em suas produções ou companhias oficiais que trabalham com outras estéticas, no Brasil, a presença do corpo negro na dança é extremamente pequena.

Em todas as companhias oficiais o número do corpo negro é bem baixo, algumas não tem nenhum negro, como o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, por exemplo, outros apresentam um número ainda bem reduzido, de 3 ou no máximo 4 bailarinos negros. Apesar de ter citado várias bailarinas negras, a realidade para as mulheres adentrarem nesses espaços é bem mais difícil. A escravidão e colonização se perpetuam ainda nos dias de hoje, trazendo sempre epistemologias brancas consagradas para pessoas brancas, e excluindo o corpo negro dentro desta atmosfera.

É necessário empretecer as epistemologias e entendermos que vivemos numa produção da política de morte. Mbembe (2001) diz que necropolítica é a política onde o estado escolhe quem deve morrer. O machismo, a homofobia, a hipersexualização da mulher negra e o sistema penitenciário, são algumas dessas políticas que assolam a todos, principalmente o corpo negro. Portanto, o ponto central de uma reflexão necropolítica é tomar a raça e os processos raciais como espinha dorsal.

Por fim, é preciso entender que raça é algo inventado, pois foram os europeus que criaram este conceito que está vinculado a toda uma idéia de submissão. A questão racial é sempre percebida como um problema a ser resolvido pelos negros, como se isso fosse um assunto exclusivo dos negros, como se eles não tivessem se tornados negros pela nomeação do povo branco europeu. O racismo é uma realidade cruel, que segrega, exclui e elimina.

Referencias:

CASTRO, Alexandre. ALMEIDA, Jéferson. **Da contravenção penal ao crime de racismo: uma história de impunidade.** Revista mosaico, 2017.

GONZALES, Lélia. **Lugar de Negro.** Rio de Janeiro: Marco zero, 1982.

HENRIQUES, Ricardo. **Racismos contemporâneos.** São Paulo: Cip Brasil. 2003

PINHO, Osmundo; VARGAS, João H. Costa. **Antinegitude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira.** EDUFRB, 2016.,

SAMPAIO, Flávio. **Ballet Passo a Passo**. Expressão gráfica. 2013

SANTOS, Boaventura. **Para além do pensamento abissal**. Cebrap. 2007.

SILVA, Luciane da. **Corpo e diáspora: colonialidade, pedagogia da dança e técnica germaine acogny**. 2017. (Tese de Doutorado) PPGAC, UNICAMP. 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Ed.Melusina, Espanha, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**. Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. 2010.

MOURA, Gilsamara. Emílio, Douglas (Orgs). **Ágora: Modos de Ser em Dança – Volume 1**. São Paulo: Editora jogo de Palavras, 2018.

Site Congo de Ouro. Disponível em: <<http://www.congodeouro.com.br>> Acessado em 30/08/2017

<https://www.youtube.com/watch?v=moQVWo0iJp8> Acessado em 01/09/2017

<http://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/noticia/2017/04/conheca-historia-dabailarina-negra-brasileira-que-e-estrela-da-danca-em-nova-york.html> Acessado em 01/09/2017

<https://www.esquerdadiario.com.br/Janet-Collins-e-a-negritude-no-Bale> Acessado em 04/03/2019

Observações finais: é importante ressaltar que este texto foi publicado no **livro Agora: modos de ser em dança - volume 2**, em São Paulo, e após a escrita do mesmo, algumas marcas lançaram novos tons de sapatilhas de ponta.